



REINVENTANDO O ENSINO PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E TRANSFORMADORA

REINVENTING TEACHING FOR MEANINGFUL AND TRANSFORMATIVE LEARNING

TATIANE CLAIR SANTOS DA SILVA., EMAIL: tatyclayr@gmail.com.

ROBERTO DE OLIVEIRA JUNIOR, EMAIL: oliveirajuniorroberto725@gmail.com

GEYSUELLEN DA SILVA FERREIRA DOS SANTOS, EMAIL: suelleninteriores2@gmail.com

GUILHERME SANTOS CRUZ E SILVA, EMAIL: guilherme3005sa@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão teórica e prática sobre as práticas pedagógicas e as metodologias ativas, compreendidas como caminhos fundamentais para a renovação da educação. Parte-se do princípio de que o ensino centrado na transmissão de conhecimentos, ainda predominante em muitos espaços escolares, já não responde às necessidades da contemporaneidade — onde a capacidade de pensar, criar, colaborar e resolver problemas torna-se essencial. O trabalho discute o conceito de metodologias ativas, seus fundamentos, suas principais modalidades e os desafios de sua implementação no contexto brasileiro. Apresentam-se exemplos concretos de práticas que colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem, tornando-o sujeito protagonista e não apenas receptor de informações. Defende-se que a adoção de metodologias ativas não se resume a mudar técnicas: exige repensar relações, papéis, espaços e finalidades da educação. Conclui-se que formar cidadãos críticos, autônomos e capazes de transformar o mundo começa por transformar a forma como se ensina e se aprende.

Palavras-chave: Metodologias Ativas 1. Práticas Pedagógicas 2. Protagonismo Estudantil 3. Educação Transformadora 4.

Abstract: This article presents a theoretical and practical reflection on pedagogical practices and active methodologies, understood as essential paths toward educational renewal. It starts from the premise that knowledge-transmission-centered teaching, still prevalent in many schools, no longer meets contemporary needs — where the ability to think, create, collaborate, and solve problems becomes essential. The work discusses the concept of active methodologies, their foundations, main modalities, and implementation challenges within the Brazilian context. Concrete examples of practices that place students at the center of the learning process are



Anais do II CONAP – Trabalho completo

Congresso Nacional de Professores: Educação, Tecnologia & Formação de Professores

18 a 20 de setembro de 2026

presented, making them protagonist subjects rather than mere recipients of information. It is argued that adopting active methodologies is not merely about changing techniques: it requires rethinking relationships, roles, spaces, and educational purposes. It is concluded that educating critical, autonomous citizens capable of transforming the world begins by transforming how teaching and learning happen.

Keywords: Active Methodologies. Pedagogical Practices. Meaningful Learning. Student Protagonism. Transformative Education.



1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo, a imagem que se associou à escola foi a de um professor falando e explicando, e de alunos ouvindo, anotando e memorizando. Nesse modelo, o conhecimento aparece como algo que se transfere de quem sabe para quem ainda não sabe — como se fosse um objeto que se entrega, se guarda e se devolve nas avaliações. Hoje, sabe-se que a aprendizagem não funciona assim: não é recepção passiva, mas construção ativa, pessoal e social. Cada estudante não é uma folha em branco: traz consigo saberes, experiências, perguntas e referenciais que moldam tudo o que aprende.

É nesse contexto que ganham destaque as metodologias ativas — não como uma moda pedagógica passageira, mas como uma necessidade educacional. O mundo contemporâneo exige pessoas capazes de mais do que repetir conteúdos: exige que compreendam, questionem, criem, colaborem, decidam e ajam. A escola que se limita a transmitir informações prepara para um cenário que já não existe, onde o conhecimento está disponível a um toque na tela. O que faz a diferença hoje é saber fazer uso desse conhecimento — e isso não se aprende apenas ouvindo: se aprende fazendo, investigando, discutindo, criando.

Este artigo tem como objetivo aprofundar a compreensão sobre práticas pedagógicas e metodologias ativas, apresentando seus fundamentos, formas de aplicação, desafios e possibilidades. O percurso desenvolve-se em oito seções: a seguir, discute-se a evolução do pensamento pedagógico que embasa a aprendizagem ativa; na sequência, definem-se conceitos-chave; apresentam-se as principais metodologias; exemplificam-se práticas em sala de aula; analisam-se os papéis do professor e do estudante; discutem-se avaliação, desafios e caminhos; e, por fim, tecem-se as considerações finais.



2. DA TRANSMISSÃO À CONSTRUÇÃO: OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A ideia de que o aluno aprende melhor quando participa ativamente não é nova. Autores fundamentais da educação já defendiam isso há décadas, mas sua aplicação em larga escala ainda encontra obstáculos. Compreender as raízes teóricas das metodologias ativas ajuda a perceber que não se trata de "deixar o aluno fazer o que quiser", mas de orientar caminhos de aprendizagem sólidos, intencionais e fundamentados.

2.1 Dewey e a aprendizagem pela experiência

John Dewey, no início do século XX, já defendia que a educação não deve ser apenas preparação para a vida: é a própria vida. Para ele, aprender fazendo — *learning by doing* — é central. O estudante não é um espectador, mas um participante. A experiência não é algo que acontece com ele: é algo que ele constrói. Quando a escola separa o conhecimento da vivência, torna-o abstrato, distante e de difícil compreensão.

2.2 Piaget e a construção do conhecimento

Jean Piaget mostrou que a inteligência se desenvolve por ação e interação. A criança e o jovem não recebem conhecimento: organizam-no, reestruturam-no, testam hipóteses. O erro não é falha: é etapa do processo. O conhecimento se constrói do interior para o exterior, não de fora para dentro. Cada pessoa assimila e acomoda informações em ritmos e formas próprias.

2.3 Vygotsky: interação e mediação

Lev Vygotsky ampliou essa compreensão ao destacar o papel decisivo da interação social. Ninguém aprende sozinho. O desenvolvimento ocorre na relação — com o outro, com o meio, com a cultura. A "zona de



desenvolvimento proximal" mostra que o que o estudante consegue fazer com apoio hoje, fará sozinho amanhã.

O professor, nessa perspectiva, é mediador: não entrega pronto, mas ajuda a alcançar.

2.4 Freire: educação como prática da liberdade

Paulo Freire denunciou a "educação bancária", onde o professor "deposita" conteúdos nos alunos. Para ele, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção. A aprendizagem verdadeira parte da realidade do educando, de seus problemas, de suas perguntas. É dialogal, participativa, transformadora. Não há ensino sem pesquisa e não há pesquisa sem ensino.

2.5 Ausubel e a aprendizagem significativa

David Ausubel chamou a atenção para o que o aluno já sabe. A nova informação só se fixa de forma duradoura quando se conecta a conhecimentos anteriores. Aprender significativamente é diferente de decorar: é relacionar, integrar, dar sentido. Metodologias ativas favorecem isso, pois partem de situações reais, familiares e relevantes para o estudante.

3. O QUE SÃO METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITO E PRINCÍPIOS

As metodologias ativas constituem um conjunto de abordagens pedagógicas nas quais o estudante assume protagonismo no processo de aprendizagem. Em vez de receber o conhecimento pronto, ele investiga, experimenta, discute, cria, decide e apresenta resultados. O foco desloca-se de "o que ensinar" para "como aprender".

3.1 Práticas pedagógicas e metodologias ativas

São princípios fundamentais:

- Protagonismo: O aluno participa ativamente: planeja, executa, avalia;



- Aprendizagem significativa: O conteúdo liga-se à realidade, aos saberes e interesses do aluno ;
- Colaboração: Aprende-se com e por meio do outro; trabalho em grupo, troca, cooperação;
- Problematisação Parte-se de perguntas, desafios e situações-problema, não de respostas prontas;
- Interdisciplinaridade Os saberes não se separam: conectam-se áreas, temas e saberes;
- Reflexão sobre a ação: Não basta fazer, é preciso pensar sobre o que se faz, por quê e como melhorar;

3.2 Diferença entre método ativo e atividade isolada

Nem toda atividade prática é metodologia ativa. Atividades sem objetivo claro, sem reflexão posterior e sem conexão com o conteúdo podem ser apenas "ocupação" — passatempo sem aprendizado efetivo. A metodologia ativa tem intencionalidade pedagógica: cada passo visa desenvolver competências, aprofundar conceitos e formar atitudes.

As metodologias ativas não visam apenas memorização, desenvolvem competências — saber mobilizar conhecimentos, habilidades e atitudes para resolver desafios reais. Entre as competências trabalhadas, são algumas: pensamento crítico e criativo; resolução de problemas; comunicação clara e respeitosa; trabalho colaborativo; autonomia e organização; empatia e responsabilidade;

4. PRINCIPAIS METODOLOGIAS ATIVAS: CONHECER PARA APLICAR



Existem diferentes caminhos de metodologias ativas. Nenhuma é "a melhor": a escolha depende do objetivo, da turma, do conteúdo e do contexto. Conhecer as possibilidades permite ao professor selecionar e combinar o que mais faz sentido.

4.1 Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP)

Os alunos trabalham em torno de um tema ou problema real ao longo de um período. Investigam, pesquisam, organizam informações e produzem um resultado concreto. O projeto pode envolver várias disciplinas ao mesmo tempo, por exemplo: "Como reduzir o desperdício de água na nossa escola?" os alunos pesquisam, medem, entrevistam, criam campanhas e propõem ações.

Vantagens: conecta teoria à prática; desperta curiosidade; gera impacto real.

4.2 Aprendizagem Baseada em Problemas (ABPr)

Parte-se de uma situação-problema complexa que precisa ser resolvida. Os alunos identificam o que já sabem, o que precisam aprender, pesquisam, debatem e chegam a soluções fundamentadas. Diferenciação do ABP: o foco está na resolução em si, não necessariamente em um produto final.

Exemplo: "Por que os rios da nossa região estão assoreados e o que podemos fazer?"

4.3 Estudo de Caso

Apresenta-se uma situação real ou simulada, detalhada e contextualizada. Os alunos analisam, discutem, levantam hipóteses, avaliam alternativas e propõem decisões.

Vantagem: desenvolve análise crítica, tomada de decisão e empatia com diferentes perspectivas.

4.4 Aprendizagem Baseada em Indagação / Investigação



Começa com perguntas — do professor ou dos próprios alunos. Em vez de dar respostas, orienta-se a busca. O caminho de investigação é construído passo a passo.

Exemplo: "De onde vêm os alimentos que comemos?" → os alunos pesquisam, entrevistam produtores, mapeiam percursos.

4.5 Sala de Aula Invertida

O contato inicial com o conteúdo acontece fora da sala — por vídeos, leituras, materiais. O tempo presencial é dedicado a aprofundar, discutir, aplicar, resolver dúvidas e realizar atividades práticas.

Vantagem: liberta tempo para interação; o aluno controla o ritmo inicial de estudo.

4.6 Gamificação

Usa elementos de jogos — regras, desafios, recompensas, fases — em contextos de aprendizagem. Não significa transformar tudo em brincadeira: é usar a dinâmica dos jogos para engajar, motivar e estruturar percursos.

Exemplo: missões em grupo, fases de conhecimento, sistemas de feedback imediato.

4.7 Aprendizagem Colaborativa

O aprendizado acontece essencialmente em grupo, com metas compartilhadas e responsabilidade individual. O sucesso de um depende do sucesso do grupo.

Diferencial: ensina a ouvir, a distribuir tarefas, a resolver conflitos e a reconhecer o valor do outro.

5. NA PRÁTICA: COMO IMPLEMENTAR PASSO A PASSO



Mudar a forma de ensinar não acontece de um dia para o outro. É um processo que começa com pequenas mudanças. A seguir, apresenta-se um roteiro prático para introduzir metodologias ativas de forma consistente.

5.1 Planejar com intencionalidade e antes de escolher a metodologia, definir:

- O que quero que os alunos compreendam?
- Quais competências quero desenvolver?
- Qual produto, ação ou reflexão indicará que aprenderam?
- Como conectar ao que já sabem e à realidade deles?

5.2 Criar situações-problema geradoras

Uma boa pergunta vale mais que muitas respostas. A situação inicial deve:

- Ser relevante para a vida dos alunos
- Permitir múltiplas respostas ou caminhos
- Exigir pesquisa, análise e argumentação
- Caber no tempo e recursos disponíveis

5.3 Organizar os grupos com equilíbrio

Grupos não devem ser formados apenas por afinidade. É importante: distribuir perfis e ritmos diferentes, definir papéis claros (relator, pesquisador, porta-voz, organizador), garantir participação de todos, estabelecer acordos de convivência;

5.4 Acompanhar sem dirigir



O professor não se afasta, está presente de outra forma. Observa, faz perguntas, indica fontes, media conflitos, reforça avanços e aponta caminhos, não dá a resposta, ajuda a encontrá-la.

O resultado do trabalho precisa ser compartilhado, apresentado, socializado, debatido. A apresentação para a turma, para outras salas ou para a comunidade valoriza o esforço, desenvolve a fala pública e permite aprender com os outros.

5.5 Avaliar o processo

Avaliar o processo e não apenas o produto, necessita que ocorra participação e engajamento ao longo do percurso, capacidade de buscar informações e organizá-las, colaboração, respeito e escuta, autonomia e criatividade, capacidade de refletir sobre acertos e erros.

6. O PROFESSOR E O ESTUDANTE: NOVOS PAPÉIS, NOVAS RELAÇÕES

A mudança de metodologia altera o lugar de cada um na sala de aula. Essa redefinição é um dos aspectos mais profundos — e, às vezes, mais desafiadores — da transformação pedagógica.

O professor: mediador, não detentor. O professor deixa de ser a "fonte única do saber" para tornar-se:

- Planejador: cria situações desafiadoras e intencionais;
- Mediador: intervém no momento certo, com a pergunta certa;
- Orientador: indica caminhos, fontes, referências;
- Pesquisador: estuda, se atualiza, reflete sobre sua prática;
- Acolhedor: cria ambiente seguro onde errar é parte do aprender;



Isso não significa que o professor deixa de ensinar: ensina de forma diferente. Seu conhecimento continua sendo essencial — mas agora é partilhado, não imposto.

O estudante: protagonista, não receptor. O aluno passa a:

- Levantar perguntas, não apenas respondê-las;
- Buscar e selecionar informações, não apenas copiar;
- Tomar decisões sobre seu próprio aprendizado;
- Colaborar com os colegas;
- Avaliar seu percurso e reconhecer o que precisa melhorar;

Essa mudança pode causar estranhamento no início, muitos alunos estão acostumados a receber tudo pronto. A autonomia se constrói com tempo, estímulo e confiança.

A relação entre todos é o diálogo e o respeito. A sala de aula transforma-se em comunidade de aprendizes. O respeito não é apenas regra de convívio: é condição para aprender. Cada voz tem valor. Cada experiência enriquece. O professor também aprende com os alunos — e isso humaniza e fortalece a relação.

7. AVALIAÇÃO: ACOMPANHAR PARA APRENDER

A avaliação em metodologias ativas não pode ser a mesma do modelo tradicional. Se o ensino muda, a avaliação também deve mudar.



Avaliação processual e contínua: Acontece durante, não só no final. Observa-se, envolvimento e interesse, persistência diante de dificuldades, capacidade de reorganizar ideias, aperfeiçoamento ao longo do tempo, aplicação do conhecimento em novas situações. Instrumentos variados, não apenas provas escritas:

- Diário de bordo: o aluno registra o que fez, aprendeu e sentiu;
- Portfólio: reúne produções, rascunhos, reflexões — mostra a caminhada;
- Autoavaliação: o aluno avalia seu próprio percurso;
- Coavaliação: colegas trocam feedbacks construtivos;
- Observação sistemática: registros do professor sobre participação e evolução.

7.1 O erro como fonte de aprendizado

Em metodologias ativas, errar não é reprovação: é informação. Mostra onde o caminho precisa ser retomado, aprofundado ou refeito. O professor devolve o erro com pergunta: "O que levou a essa conclusão?", "De que outra forma poderíamos olhar isso?".

8. DESAFIOS E CAMINHOS: O QUE PRECISA MUDAR

Adotar metodologias ativas não é simples. Enfrenta obstáculos reais, estruturais e culturais. Reconhecê-los é o primeiro passo para superá-los. Desafios estruturais:

- Turmas numerosas: atender cada grupo exige tempo e atenção difíceis em salas com muitos alunos;



- Carga horária apertada: cumprir programa extenso com metodologias que exigem tempo é tensão constante;

- Recursos limitados: falta de materiais, internet, espaços adequados;
- Formação continuada: muitos professores sentem-se despreparados, sem apoio ou atualização;

8.1 Desafios culturais

- Crença de que "só ouvir é aprender": famílias e até gestores podem questionar atividades diferentes;
- Resistência à mudança: rotinas confortáveis são difíceis de abandonar;
- Pressão por resultados: foco em notas e provas padronizadas dificulta investir em processos mais lentos e profundos.

8.2 O que pode impulsionar

- Formação colaborativa: professores planejam, observam e refletem juntos;
- Passos pequenos: começar com uma metodologia, um tema, uma turma — crescer aos poucos;
- Comunicação com famílias: explicar o porquê das mudanças, mostrar resultados, envolver;
- Valorização do processo: reconhecer que a formação de pessoas não tem cronômetro;
- Políticas públicas: currículos, avaliações e investimentos que realmente apoiem a mudança.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Transformar a educação não é tarefa de um dia nem de uma pessoa. Mas começa na sala de aula, com cada professor que ousa fazer diferente. As metodologias ativas não são fórmula mágica nem receita pronta: são convite a repensar a essência de ensinar e aprender.

Quando o aluno participa, se interessa, descobre que sua voz importa, algo se transforma dentro dele. Deixa de ser apenas estudante: torna-se sujeito que pensa, questiona, cria e age. E isso reflete para além dos muros da escola: na família, na comunidade, na vida.

Ensinar com metodologias ativas é mais trabalhoso, exige mais preparo, mais presença, mais escuta. Mas também traz mais retorno: alunos que compreendem o que aprendem, que sabem aplicar, que gostam de descobrir. O olhar deles muda: brilha mais, questiona mais, envolve-se mais.

Que cada espaço escolar possa, aos poucos, deixar de ser lugar onde se acumula informação para tornar-se território onde se constrói conhecimento, se exercita a cidadania e se forma gente mais humana, mais autônoma e mais capaz de cuidar do mundo. Esse é o verdadeiro sentido de educa.



Anais do II CONAP – Trabalho completo

Congresso Nacional de Professores: Educação, Tecnologia & Formação de Professores

18 a 20 de setembro de 2026

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSUBEL, David P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Editora Plátano, 1980.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

DEWEY, John. Democracia e educação. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. Metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem. Curitiba: Intersaberes, 2019.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Orgs.). Metodologias ativas na educação online e presencial. Porto Alegre: Artmed, 2018. p. 23–36.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, Jean. Psicologia da inteligência. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998